

PODERA' HAYER FOTOGRAFIA ABSTRATA?

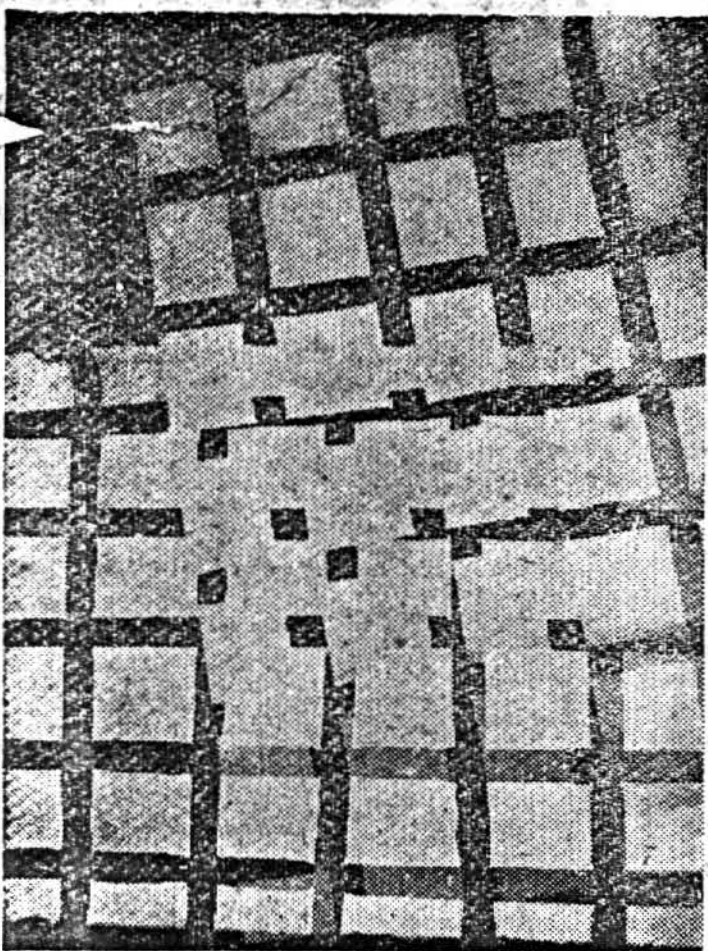
Sim — responde o jovem artista brasileiro Geraldo de Barros, em entrevista concedida a "Letras e Artes"

PARIS — julho (Via Scandinavian Airlines) — Geraldo Barros pode reivindicar a não há no mundo vinte fotógrafos que tenham envenenado pelo mesmo caminho que ele, ou ao menos,

realizada, Geraldo de Barros revelou que a fotografia poderia ser uma arte tão desinteressada, tão independente da realidade,

com sua máquina a tiracolo, e durante um ano vem percorrendo todos os países da Europa e todos os museus de Amsterdam, de revolucionárias da arte da fotografia. O DIVÓRCIO COM A REALIDADE Num pequeno hotel pa-

tra o clima parisiense, a cabeça coberta por uma boina basca. Percorremos a longa série de suas composições fotográficas, que nos



Fotografia abstrata de GERALDO DE BARROS

honra de ser um dos pioneiros da fotografia como arte, pois que, atualmente, duvidem dessa possibilidade. Há ano e meio, em S. Paulo, num exposição ali

LOUIS WIZNITZER

quanto a pintura e a escultura. Utilizada até aqui como documentação, como cópia, irá ela de agora em diante, conhecer dias de glória e de verdade intrínseca. A bem dizer, as fotografias abstratas que Geraldo de Barros expôs chocaram uma parte do público; estava convencido que a fotografia, devendo reproduzir fielmente a realidade, havia por isso mesmo prestado à pintura o serviço de libertá-la dessa tarefa asoerba, dando-lhe as asas que lhe faltavam. E eis que por sua vez a fotografia, pela arte de Geraldo de Barros, quer também ganhar impulso e voar. Eis a indústria, as molas de uma máquina se revoltando contra sua sorte e se declarando arte.

Geraldo de Barros experimentava, no entanto, a necessidade de vir à Europa sentir o perfume de Piero de la Francesca, de Giotto, de Masaccio, de Cézanne, de Klee. Embarcou

Londres, da Baviera, de Madrid, de Florença e de Paris. No entanto, esse estranho rapaz alto, tímido e meio selvagem, recusou-se a ir procurar os mestres vivos e falar-lhes. Ao contrário de todos os artistas que vêm respirar o ar europeu, Geraldo de Barros tem vivido só, esquivando-se aos convívios mundanos, não se interessando pela cor dos cabelos de Picasso, nem pelo acento estrangeiro de Marc Chagall.

Foram-me necessários 3 dias de luta para forçá-lo a visitar o seu patrício Cícero Dias, e durante a visita manteve-se ele mais ou menos silencioso.

No momento, Geraldo de Barros prepara-se para retornar ao Brasil, cada vez mais firme na sua vocação, no seu gosto artístico e vibrando ainda pela contemplação de vinte séculos de arte européia. Com ele, o Brasil participa das descobertas mais belas e mais



O fotógrafo abstrato GERALDO DE BARROS

riense de Saint-Germain le va, m, sucessivamente, des Prés encontrei Geraldo através de uma fase realista de Barros reclamando con-

(Conclui na 10.ª pág.)

(Conclusão da 7.ª pág.)

ta, uma fase supra-realista, e afinal, a uma fase mais ou menos abstrata.

— Sua viagem à Europa exerceu influência sobre o seu trabalho?

— Influência propriamente não. Não fez ela mais do que confirmar a minha vocação e levar-me ainda mais a dentro num caminho que eu já havia pressentido.

— A abstração em fotografia parece ter duas fases; a primeira, aquela em que o olhar do fotógrafo escolhe o assunto e o ângulo pelo qual deverá fixá-lo; depois, a segunda, técnica, que compreende o ato de fotografar. Qual das duas mais lhe merece a atenção?

— Creio que a segunda é a mais importante. Abstrair significa para mim, em fotografia como em pintura, criar formas abstratas, criar signos, uma linguagem em que a realidade já não mais figura. Sou, de qualquer maneira, obrigado a fotografar alguma coisa, mas essa alguma coisa, transformo-a, em seguida, a minha vontade, segundo os melos, os equilíbrios, os ritmos, para dela fazer uma composição plástica, em que o assunto é inteiramente esquecido, absorvido.

MÚSICA E FOTOGRAFIA

— Acha que a fotografia abstrata não trai a própria função da fotografia?

— Absolutamente. Há uma fotografia convencio-

Poderá haver fotografia abstrata?

nal, como há uma pintura convencional. Isso não impede a possibilidade da arte autêntica. E o lado técnico não faz senão duplicar nossas possibilidades de descobertas. Não sou pintor, senão no momento de tirar a fotografia, de escolher meu ângulo, meu plano. Em seguida, durante todo tempo em que a objetiva trabalha, faço um trabalho de composição independente do que escolhi como assunto, trabalho no qual o único guia é o ritmo, o contraponto, a harmonia

plástica. A fotografia abstrata pode atingir alturas musicais...

UMA CORAGEM MAIOR

— Há uma ruptura entre a arte abstrata e a arte de sempre?

— Um choque no máximo, não uma ruptura. Uma coragem maior se impõe agora, devido à lassidão das formas convencionais. A arte figurativa já não nos satisfaz. A inquietude caracteriza a nossa época de crise de consciência, e em

certo sentido, pode-se dizer que a arte abstrata faz a função do anseio religioso, a procura do sagrado, na atmosfera niilista do mundo atual.

— Quais os seus projetos?

— Voltar ao Brasil, expor no Rio os meus trabalhos feitos na Europa e depois continuar a trabalhar em S. Paulo.

— Que mais o impressionou, durante as suas viagens?

— A igreja de São Fran-

cisco, em Assis. É uma das maravilhas do mundo.

— Encontrou outros fotógrafos, lançados nessa rota perigosa?

— Não; primeiramente, porque não deve haver mesmo muitos; depois, porque faço questão de seguir o meu caminho sem sofrer nenhuma influência. Basta-me ver as obras; não há necessidade de estar a tagarelar com os outros autores.

Antes de deixar Geraldo de Barros, lanço os olhos por alguns dos seus trabalhos de qualidades inegáveis e que testemunham uma pesquisa resoluta. Vocês ainda ouvirão falar desse rapaz no futuro, fiquem certos.